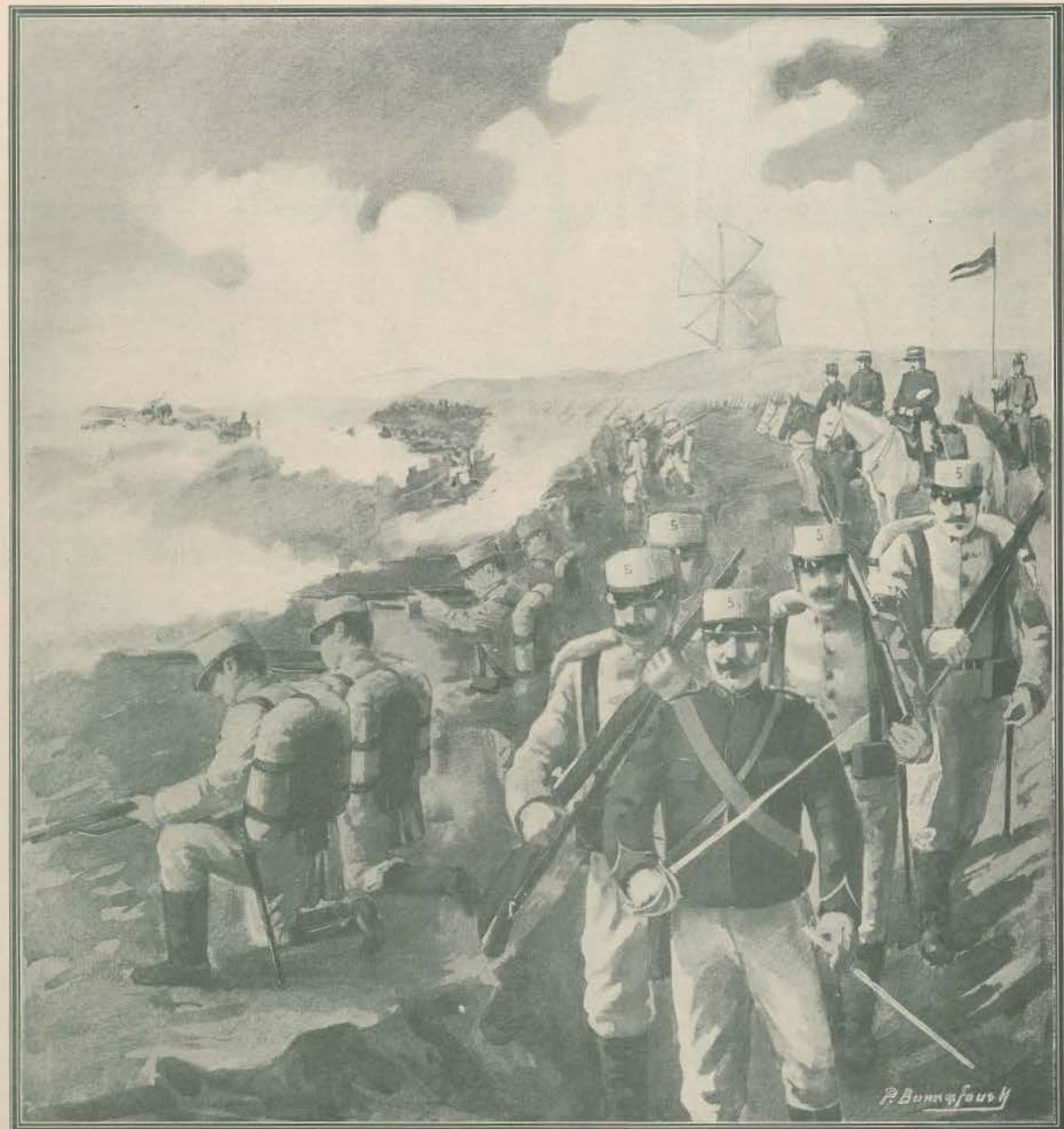
ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇAO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43 —*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 23 DE NOVEMBRO DE 1903* | *NUMERO 3*

UM EXERCICIO PARA O TIROCINIO DE MAJORES DOS CAPITÃES DO EXERCITO D'AFRICA SRS. MEDINA, IGNACIO FONSECA E ROGERIO LEITE REALISADO NA SERRA DO MONSANTO, EM 14 DE NOVEMBRO

CHRONICA

O mez de novembro

Estamos em novembro, que é o mez das tristezas, das neblinas, das saudades, o mez que Fradique, para madame de Jouarre, devia symbolisar n'uma camelia fenecida. Cahiram as folhas das arvores e os braços penderam no fim das valsas, veiu não uma canceira mas uma paralysia, com esse mez, que é um velho, o penultimo do anno, que tem severidades, visagens, aborrecimentos, que por vezes se abre n'um riso de sol pallido mas logo se amofina a cerrar-se n'um desalento, como se não tivesse vida e quizesse paralysar a dos outros. Calaram-se os pianos e calaram-se os amores de mezes na excitação das praias, houve uma debandada, cerraram-se as cortinas, e fecharam-se as portas nas vivendas como pannos de bocca descendo no fim de uma revista. As mulherinhas, ao primeiro arrepio de frio, appeteceram as cidades com a sua larga vida, com o gaz a rebrilhar, com os bailes, com as recitas, toda uma excitação nova no meio de pelliças, com um luxo farto a fazer esquecer a simplicidade dos seus trajos de *tennis* e de cyclistas.

Novembro marca o ultimo accorde dos instrumentos nos casinos, suspende no ar as batutas dos maestros nos concertos de verão, anniquila o ultimo *flirt* diante do oceano que se encrespa e recorda o ultimo *pic-nic* alegre com cestos atulhados de viveres no meio das aguas serenas ou entre as arvores dos parques senhoriaes.

Cascaes perdeu o seu aspecto de villa animada, desappareceu d'elle o grande mundo e ficou-se na misera tranquillidade d'um povoado de pescadores, tristonho diante do oceano, n'uma luz parda, exquisita, com menos comboios silvando fugidios nos *rails*, com menos rostos mimosos nas janellas, com menos trens guisalhando pelas ruas, entenebreceu e aquietou-se; ficou apenas a povoação em si, com duzentos habitantes que se conhecem e são parentes, com os barcos encalhados na praia, a cidadella tristonha, lá ao fundo, perdendo o seu ar de vivenda alegre, para ganhar de novo a sua carranca de fortaleza vigiando o mar.

Os pensamentos voaram para a cidade que ao longe se mostrava na sua balburdia, no seu redemoinhar com o gaz flammejando nas fachadas dos theatros e com os cartazes bem destacados nas esquinas, annunciando mr. Coquelin, o mais velho, no *Cyrano de Bergerac*.

*

E com esse novembro, mez de neblinas e que tem por signo o centauro, vieram tambem os grandes desastres, as grandes preoccupações. Obriga uns á vida da sociedade, que é exigente, obriga outros á lucta tormentosa, a maior tarefa.

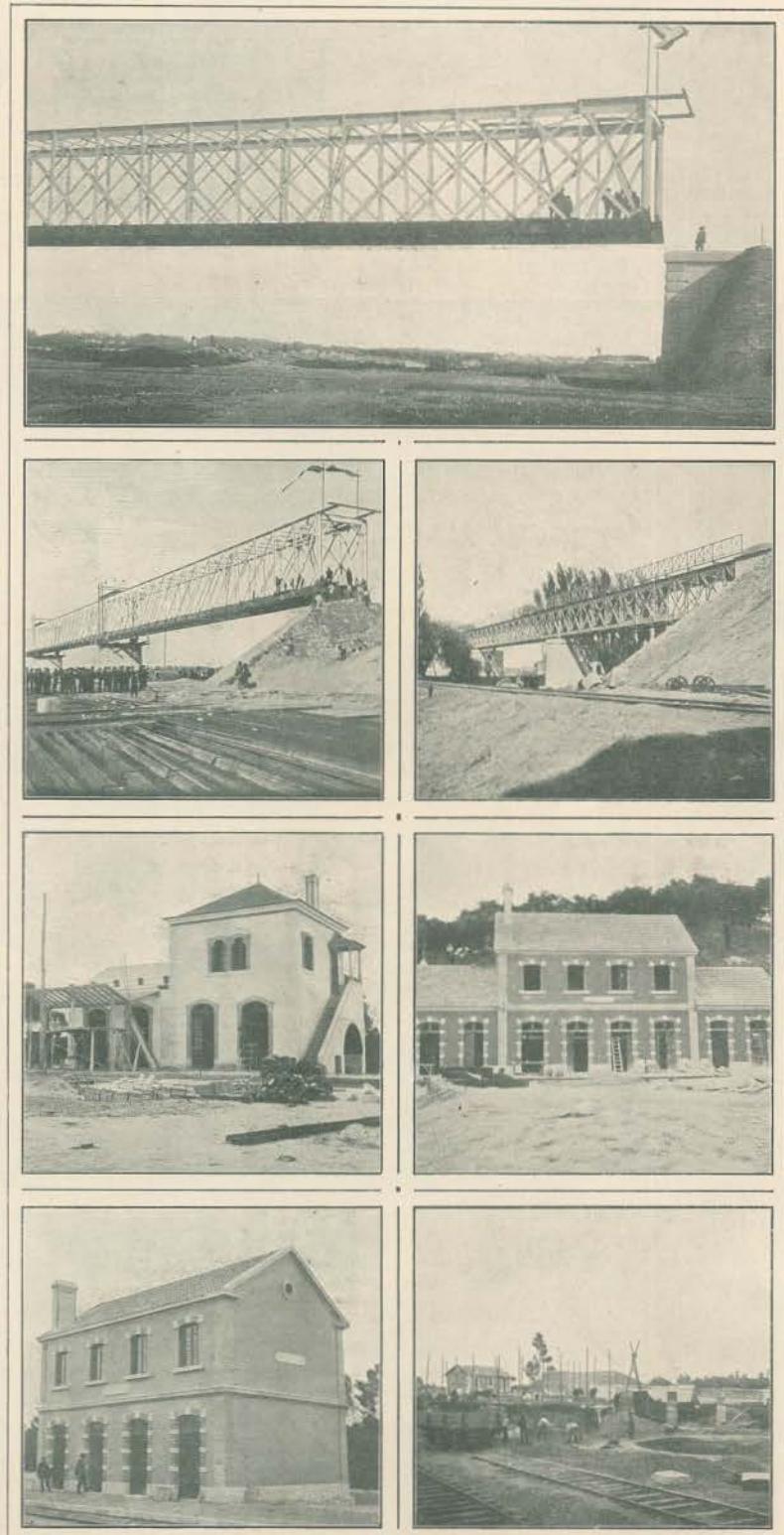
As carruagens rodam, rebrilhando as caixas ao claro do gaz, deixando entrever perfis de graça atravez as vidraças e os trintanarios empertigados nas boleas, passam ligeiras, todas n'uma linha, para os divertimentos, conduzindo ricos tão tristes como os pobres, por esse mez de saudades e de miserias, que arrasta comsigo o S. Martinho n'uma capa roxa, Bacho do catholicismo sem pampanos mas aureolado, a gerar um alarido pelas ruas onde vultos equivocos traçaram n'esse dia sombras epilepticas ao clarão das luzes que os seus olhos não podiam fixar. Mas os cafés animaram-se, a turba chegou. Soltam-se exclamações, abrem-se amplexos, como se os nossos amigos e os nossos conhecidos viessem da Palestina. Temos vontade de os apertar contra o peito, de lhes cahir nos braços:

— Sim, senhor, sim, senhor, vens muito mais gordo!! Onde estiveste?...

A's vezes em Caneças, outras em Vichy, uns n'uma trapeira, outros em Davos-Platz, fulano em Nice, o sem nome pelas ruas, encolhido, mettido no escuro e nos andrajos.

Mas temos a impressão que todos voltam de veranear, que todos chegam das praias mais sadios e mais dispostos á lucta: e então, por um natural receio, saudamol-os, falamos-lhes, não vão elles, depois de passearem o seu copo d'agua nas Pedras Salgadas, conquistar a cidade com toda a sua robustez e com todo o seu vigor novo, dado pelo descanço. Mas não... A meio de novembro, vem o medo, a 20, vem o mesmo desespero do anno anterior. A renda da casa tira a energia.

Oh! Sim, novembro é bem o mez do centauro, o mez em que todo o homem, á excepção do senhorio, se acha meio irracional, meio pensante, a symbolisar-se n'esse centauro do signo! E isso, só por causa do arrendamento!

ROCHA MARTIMS

O CAMINHO DE FERRO DE SANT'ANNA A VENDAS NOVAS

1 — UM TROÇO DA PONTE SOBRE O TEJO NO MOMENTO DE SER LANÇADA (PHOT. OBSEQUIOSAMENTE CEDIDA PELO EX.MO SR. RAPHAEL D'ALMEIDA). 2 — O TROÇO DA PONTE DEPOIS DE LANÇADO. 3 — A ESTAÇÃO DE MUGE. 4 — A ESTAÇÃO DE CORUCHE. 5 — A PONTE DE MUGE. 6 — O APEADEIRO DO VIDIGAL. 7 — ROTUNDA DAS MACHINAS EM VENDAS NOVAS

UMA CONSULTA MEDICA NA ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS, EM 16 DE NOVEMBRO

NO FORTE DA RAPOSEIRA

A VISITA DE S. A. O SENHOR INFANTE D. AFFONSO E DO SR. MINISTRO DA GUERRA ÁS FORTIFICAÇÕES DO SUL DO TEJO

A FESTA NA REAL BASILICA DA ESTRELLA

1.º O SR. ARCEBISPO DE EVORA DESCENDO DA CARRUAGEM — 2.º A ENTRADA DO SR. ARCEBISPO — 3.º A SUA RECEPÇÃO PELO SR. PRIOR DA LAPA E PELO REV. MERGULHÃO — 4.º SAHIDA DO SR. ARCEBISPO DA EGREJA

A REPRESENTAÇÃO DA MAGDA NO THEATRO D. AMELIA

1.º (SCENA DO 2.º ACTO) LUCILIA SIMÕES E AUGUSTO ROSA, DELPHINA CRUZ, ELVIRA COSTA, JOSEPHA D'OLIVEIRA E JESUINA SARAIVA — 2.º (SCENA DO 2.º ACTO) LUCILIA SIMÕES E O ACTOR PINHEIRO — 3.º (SCENA DO 4.º ACTO) LUCILIA SIMÕES E CARLOS D'OLIVEIRA — 4.º (SCENA DO 4.º ACTO) AUGUSTO ROSA, LUCILIA SIMÕES E DELPHINA CRUZ — 5.º (SCENA FINAL DO 4.º ACTO) A MORTE DO CORONEL SCHWARTZ

HABITAÇÕES ARTISTICAS

Digressões e visitas

A casa de Ferreira da Silva

O COFRE DAS JOIAS DA GRANDE ACTRIZ VIRGINIA

N'uma serie de artigos para um dos jornaes diarios de Lisboa, de cuja redacção faço parte, tive ensejo de descrever a casa onde o illustre actor Ferreira da Silva e sua esposa, a gloriosa actriz Virginia, vivem. Nada de pormenorisado havia n'essa *suite* de chronicas, nem o tempo, o demolidor da vontade, permittia um longo extracto de impressões, porquanto as horas decorriam lestas e o momento da tiragem soava frio e imperturbavel para o mechanismo administrativo da folha.

O QUARTO DE DORMIR

Venho a recordar-me por este fim dulcido de outomno; e, não sei se por um estado de espirito identico, por um identico effeito de paizagem, de subito evoco, da turba-multa de impressões posteriormente colhidas, a minha primeira visita á casa de Ferreira da Silva, ha talvez um anno, por um crepusculo tranquillo, em que o ceu vinha a encher-se de estrellas, e o sol morria, como n'um panno de theatro, pela scenographia colorida das tintas, p'ra's bandas do mar.

*

A moradia dos dois artistas é na Cruz da Pedra, um pittoresco arrabalde da cidade, a caminho de Bemfica.

Então, o nosso passeio fizera-se, á dolorida hora do entardecer, pela quinta, sob a sombra humida das arvores. Falou-se dos aspectos da paizagem que de alguns pontos deslumbrava como um scenario de magica. Subimos a um mirante alto—janella aberta sobre as hortas visinhas—e para o sul, entre arvores, uma casaria de telhados baixos, e, como perguntassemos o nome do local, foi a illustre actriz que nos explicou:

—E' uma quinta historica: do Pinheiro, onde se representou pela primeira vez o *Frei Luiz de Souza*. Acolá morava D. Maria Krus, a que recebia nos seus salões, que dictavam a moda, a fina flôr dos artistas: Garrett, o *dandy* Sotto Mayor—nosso ministro na Scandinavia... Garrett, faltando-lh um interprete, representou o Telmo Paes; e o que é mais curioso é que o auctor das *Viagens na minha terra* era uma absoluta negação para a scena. O desempenho que elle deu no personagem foi um insuccesso!

A' nossa direita, entre arvoredo espesso, está a Quinta da Infanta — outra recordação historica.

*

O ACTOR FERREIRA DA SILVA

No dia em que ali estivemos, na sua sala de estudo folheava Ferreira da Silva um velho numero da *Revue Illustrée*. Vindo ao nosso encontro, naturalmente a conversa derivou para o assumpto da sua leitura occasional. A revista franceza inseria um artigo, assignado pelo escriptor parisiense *Adolphe Brisson*, que se intitulava: *Une heure chez Rochefort*. Era uma descripção da casa que o pamphletario do *Intransigeant* habitava em Londres, a terra escolhida para exilio, em 4, *Clarence Terrace, Regent's Park*.

—Que interesse liga ao *interior* de Rochefort? Apaixona-o, porventura, a figura moral do revolucionario? — perguntámos.

—Não—respondeu-nos.—Casualmente me puz a ler o artigo de Brisson, mas imagine — proseguia, sentado n'uma cadeira alta de espaldar, braço estendido sobre um pequeno buffete que lhe servia de meza de trabalho—imagine que sob a aristocratica designação de «*le lit de l'empereur*» encontro a photogravura da cama de Rochefort... que é exactissimamente egual á minha! Brisson conta:

«Rochefort, subindo ao segundo andar, narra-me a historia da sua cama: fôra um presente que lhe fizera o imperador do Brazil, com quem travára conhecimento em casa de Victor Hugo.»

O chronista francez, descrevendo esse leito imperial, chama-lhe erradamente «uma curiosa mistura de *rocaille* e de gothico» e, linhas abaixo, n'um desvario de classificação, apoda o estylo empregado de «rocaille flamboyant.»

Era natural, pois, que comparassemos os leitos: o de Rochefort, exhibido na gravura, e o de Ferreira da Silva.

Eram, como o nosso interlocutor nos referira, «exactissimamente eguaes.» Mas, para surpreza nossa, nem a gravura da *Revue*, nem, consequentemente, o leito que ali tinhamos para minucioso exame, tinham uma curva sequer que pudessemos reputar estylisada em gothico. D'onde viera, pois, a designação de Brisson? Erro de observador, erro casual de informação fornecido por Rochefort?... Não sei. Ficará como sendo um mysterio insondavel!...

E, como estivessemos no quarto de cama de Ferreira da Silva, ali começa a nossa surpreza deante de tanto objecto d'arte. A «cama do imperador»—já agora é esta a denominação que eu seguirei tambem—é puro D. João V, e as columnas que sustentam o sobre-ceu, de damasco vermelho, lembram na simplicidade dos torneados as decorações religiosas d'aquelle tempo, pelo que não nos illudiriamos muito confrontando esse trabalho das columnas com o das varas de pallio, nem o nosso erro será grande accentuando o naipe decorativo, fundamentalmente religioso, indistinctamente expresso no mobiliario do lar e nos objectos do culto devoto e fradalhesco da epoca.

Fronteira ao leito, uma *berceuse* Luiz XV, ladeada, de um lado, por uma linda e decorativa majolica, em que se desenha um curioso grupo: o peralta lançando a primeira arcada no violino, e a secia fazendo gemer o cravo claustral e melancholico. Dir-se-hia que vae iniciar-se o «airoso minuette», airoso, conforme o definiu o parnasianismo de Crespo. No outro lado, vemos um relogio D. João V, uma reducção dos alongados relogios de pesos, tudo em lacca vermelha. Suspensa do tecto, ha uma lampada de cobre, estylo tambem D. João V, que Ferreira da Silva obteve ultimamente em Guimarães, quando d'uma *tournée* dramatica pela provincia. Ha ainda n'este salão tres commodas da mesma epoca, entre as janellas um tremó, tudo em *rocaille*, do lado opposto uma *vitrine* D. João V—sendo este o estylo uniforme da habitação—onde se vê uma infinidade de joias, de um alto valor, mas muito principalmente relicarios, uma *suite* de anneis, onde brilham os cambiantes das pedrarias coloridas.

A SALA DE JANTAR

Alguns tapetes de Arrayolos e um persa completam a decoração vista n'um relance.

*

A ILLUSTRE ACTRIZ VIRGINIA COM A SUA GENTIL FILHINHA N'UM BANCO DO JARDIM

A sala de estudo, onde a seguir nos installámos em amistosa palestra sobre os exitos theatraes da temporada, tem uma primorosa collecção de quadros: uma paizagem minhota de Silva Porto; um pombal alemtejano de Ramalho, com trepadeiras floridas e revoadas de pombos na luz calcinante da manhã; uma scenographica aquarella de Manini; marinhas de Vaz; um quadro crepuscular de Salgado; um *portrait-charge* de Ramalho, nascido de um humorismo de Columbano; um retrato de Virginia, outro do nosso interlocutor, ambos de Ramalho que, pela amiga intimidade que tem n'aquella casa, nos dá do seu talento a mais completa prova, tendo ali a sua mais eloquente exposição. Perto da janella, sobre uma peanha, Teixeira Lopes assigna um busto em marmore: — é a cabeça d'aquella linda criança, filha dos illustres artistas.

Pela ampla escadaria atapetada e na sala de jantar ha

O GABINETE DE TRABALHO

UM LANÇO D'ESCADA

uma magnifica collecção de faianças; azulejos, dois riquissimos tapetes de Arrayolos, uma salva de cobre, *repoussée*. Na escada ha ainda um sophá e cadeiras D. João V.

A' hora da despedida, Ferreira da Silva referiu-nos o seu vicio de collecionador, vicio antigo dominando-lhe outros enthusiasmos, e concluiu:

—Tomei esta mania ainda estava em Coimbra, ha uns quinze annos, e agora é já uma predestinação; não estou contente senão quando consigo algum *bibelot* novo.

SANTOS TAVARES.

A PARTIDA DE SS. MM. DE CASCAES PARA LISBOA NO DIA 12 DE NOVEMBRO
NO ATRIO DA CIDADELLA — EM FRENTE DA ESTAÇÃO — A CONTINENCIA DA GUARDA — AS CARRUAGENS AGUARDANDO SS. MM.
A DESCIDA NA ESTAÇÃO

O PRIMEIRO SABBADO DE FEIRA DA LADRA — EM 14 DE NOVEMBRO DE 1903

S. M. A RAINHA SENHORA D. MARIA PIA

S. A. R. O PRINCIPE SENHOR D. LUIZ FILIPPE

S. A. O SENHOR INFANTE D. AFFONSO

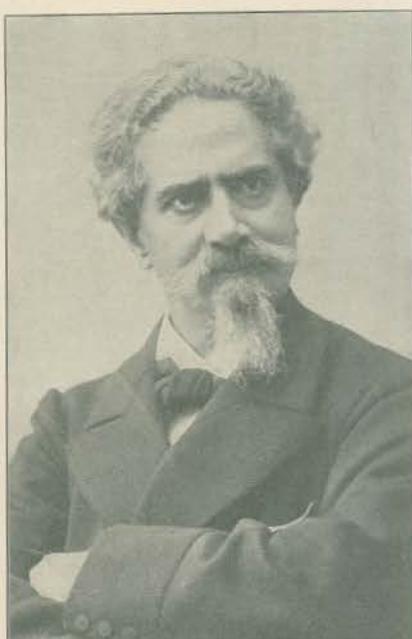
S. A. O SENHOR [INFANTE D. MANUEL

DR. SANTOS FARINHA
Novo prior de Santa Izabel

DR. ALFREDO LUIZ LOPES
Director da Assistencia N. aos Tuberculosos

O TENENTE ANTONIO JULIO DE BRITO
Residente de Portugal na Angonia

CONSELHEIRO CABRAL MONCADA
Recentemente nomeado ajudante do procurador geral da corôa

DR. MAXIMINO DE MATTOS CARVALHO
Vice-presidente da direcção da Adega Regional de Coimbra

CONSELHEIRO PEREIRA CARRILHO
Fallecido em Paris em 16 de novembro

OLIVEIRA MATTOS
Deputado por Coimbra

CONSELHEIRO ABEL D'ANDRADE
Director geral d'instrucção publica

CONSELHEIRO ALFREDO LECOQ
Commissario de Portugal na Exposição de S. Luiz

DR. JOSÉ ANTONIO VEIGA
Cirurgião de brigada,
fallecido em 14 de novembro

DR. XAVIER CORDEIRO
Fallecido em 17 de novembro

O TENOR GASPAR DO NASCIMENTO

O AERONAUTA BELCHIOR FERNANDES

DR. COSTA LOBO
Presidente da direcção da Adega Regional de Coimbra

BELMIRO ERNESTO DUARTE DA SILVA
Um dos officiaes da commissão
que vae delimitar a fronteira da Guiné

JOAQUIM DOS SANTOS SILVA
O intrepido maritimo que salvou a vida a alguns naufragos, na costa de Lavos,
em setembro ultimo

OS NOVOS PEREGRINOS

Por MARK TWAIN. trad. do original por Alberto Telles

Porém, com esse pittoresco começa e acaba o seu attractivo. Basta ir a terra e voltar para bordo, para a detestarmos. O escaler em que se vae é admiravelmente adequado ao serviço a que o destinam. Bellamente disposto, mas homem nenhum o poderia manobrar nas correntes impetuosas, que veem do Mar Negro para o Bosphoro, e poucos leva-lo a remos satisfactoriamente, até com o mar manso. E' uma ligeira e comprida canóa (cahique), larga em uma das extremidades, que vae adelgaçando da outra até ficar como a folha de uma faca. Fazem d'essa extensa extremidade aguda a prôa, e podeis imaginar como essas férvidas correntes a fazem girar. Tem dois remos, algumas vezes quatro, e nada de leme. Largaes para um certo ponto e percorreis cincoenta direcções differentes primeiro que lá chegueis. Primeiramente um remo vae afastando a agua, e depois o outro; é raro que ambos caiam na agua ao mesmo tempo. Esta especie de navegação é capaz de dar em doido, n'uma semana, com um homem impaciente. Os barqueiros são os mais tacanhos, mais estupidos e mais broncos que ha sobre a terra, sem duvida nenhuma.

Em terra, não se imagina, uma roda vida. Povo mais denso que abelhas, por essas ruas estreitas, e os homens vestidos com toda a especie de trajos exaggerados, grosseiros, idolatras e extravagantes, que jámais poderiam conceber alfaiates atacados de delirium tremens. Não havia singularidade no vestir, por muito dementada, que não fosse seguida; nenhuma absurdidade rematadamente louca, que não fosse tolerada, nenhum frenezim na tresloucada farpella, demasiado phantastica, que não fosse tentada. Não havia dois homens vestidos do mesmo modo. Cada mó de gente atarefada em todas as ruas era um quadro dissolvente de contrastes violentos. Alguns patriarchas usavam turbantes pavorosos, mas o maior numero das hordas infieis usavam o barrete côr de fogo que denominam fez. O resto do vestuario que traziam em si era completamente indescriptivel.

As lojas eram simples capoeiras, meras caixas, casas de banhos, gabinetes reservados—tudo o que se lhes quizer chamar—no primeiro andar. Assentam-se os turcos com as pernas cruzadas e trabalham, mercadejam e fumam por compridos cachimbos, e exhalam um cheiro especial. E cobrem o chão. Defronte d'elles, pejando as ruas estreitas, estão os pobres pedintes, que esmolam eternamente, sem, todavia, colherem cousa alguma; e aleijados assombrosos, cuja deformidade quasi que lhes faz perder toda a semelhança com o genero humano; vagabundos que guiam jumentos carregados; moços de fretes que levam ás costas caixas de generos seccos do tamanho de casaes; vendilhões de uvas, de milho assado, pevides de abobora menina, e com outras cousas; e a dormir deliciosamente, commodamente e serenamente entre os pés apressados, estão os afamados cães de Constantinopla; amontoando-se em redor sem fazer bulha, vêem-se ranchos de mulheres turcas, trajando vestes escorridas, que lhes caem da cabeça até os pés, e com véos alvos de neve atados na cabeça, que apenas deixam vêr os olhos e um vago e fugitivo vislumbre de suas feições. Vistas a caminhar, por uma parte e por outra, lá ao longe, sob as arcarias baças do Grande Bazar, dão a lembrar os mortos amortalhados, que andavam por fóra das suas sepulturas no meio da tempestade, dos trovões e abalos de terra que rebentaram no Calvario na noite temerosa da crucificação. Uma rua de Constantinopla é um quadro que deve vêr-se uma vez—mais não.

E depois lá estava o guardador de patos—um *cousa* que levava adeante de si com patos pela cidade e fazia diligencia para vende-los. Tinha uma vara de dez pés de comprido, com um *croque* na ponta, e, se por acaso um pato sahia para fóra do bando, e se desviava vivamente para o lado, com as azas meio abertas e o pescoço extendido até mais não, o homemsinho não se affligia, e erguendo a vara corria atraz do pato com indizivel sangue frio—deitava-lhe o *croque* ao pescoço, «pescava-o» e repunha-o no seu logar no bando, sem esforço. Dirigia os patos tão facilmente como outro homem dirige um escaler de seis remos. Decorridas poucas horas, vimol-o sentar-se n'uma pedra a uma esquina no meio do movimento da multidão, e adormecer ao sol, com os patos a grasnar em torno de si ou desviando-se do caminho dos burros e dos homens. Passada uma hora voltámos, e elle estava passando revista ao bando para vêr se algum se tinha desgarrado ou se haviam furtado algum. Era unico o modo por que elle o fazia. Collocava a ponta da vara a distancia de seis ou oito pollegadas de uma parede. Ia-os contando á medida que passavam. Não havia meio de fugir a esta verificação.

Se careceis de anões—quero dizer, apenas alguns anões por curiosidade—ide a Genova. Se os quereis comprar por grosso e a retalho, ide a Milão. Ha-os em grande abundancia por toda a Italia, mas pareceu-me que em Milão a feira era luxuriante. Se porventura quereis contemplar um bello estylo médio de aleijados escolhidos, ide a Napoles ou então percorrei os Estados Romanos. Mas, se quereis ir á fonte pura de estropiados e monstros humanos, segui em direitura para Constantinopla. Em Napoles um pedinte que expõe um pé todo recolhido n'um horroroso dedo grande, com um rabo informe no mesmo dedo, tem uma fortuna feita—mas em Constantinopla ninguem faria caso de semelhante exhibição. O desgraçado morreria de fome. A quem attrahiria um chamariz como o d'elle entre os monstros raros que pullulam nas pontes do Corno de Ouro, e patenteiam os seus aleijões nos canaes de Stambul? Maldito impostor! Como poderia elle competir com a mulher de tres pernas, e com o homem com um olho na face? Como não ficaria corrido deante do homem com dedos no cotovelo? Onde se iria elle metter, quando visse avançar na sua majestade o anão com sete dedos em cada mão, sem labio superior e sem queixo? Os aleijados da Europa são uma illusão e uma fraude. As verdadeiras prendas no genero só se encontram nos becos de Pera e de Stambul.

A mulher com tres pernas estava na ponte com o seu ganha-pão disposto de modo que causasse o mais poderoso effeito—uma perna natural, e duas compridas, delgadas e entrelaçadas, com pés em ambas, semelhantes ao ante-braço de qualquer pessoa. Mais adeante lá estava sem olhos um homem, cujo rosto tinha a côr de um bife marchetado de pontos negros, enrugado e cheio de covas como um pedaço de lava—e na verdade tinha as feições tão alteradas e contorcidas que ninguem poderia saber o que era que lhe servia de nariz a sahir-lhe dos ossos da maçã do rosto. Havia em Stambul um homem com uma cabeça prodigiosa, um longo corpo descommunal, pernas de oito pollegadas de comprido e pés semelhantes a patins. Caminhava sobre esses pés e essas mãos, e tão encurvado que dirieis que o tinha montado o Colosso de Rhodes. Ah! um pedinte ha de ter bellissimos predicados para ganhar a vida em Constantinopla. Um homem de rosto azulado sem cousa nenhuma a recommenda-lo, excepto haver sido assoprado n'uma mina, seria considerado um impostor de marca, e um soldado mutilado sobre muletas não ganharia nunca um real.

A mesquita de Santa Sophia é a cousa mais digna de vêr-se em Constantinopla. Supponho que a maior parte

do interesse que a ella se liga provém do facto de ter sido edificada para ser uma egreja christã, convertida depois em mesquita, sem grande alteração, pelos conquistadores musulmanos.

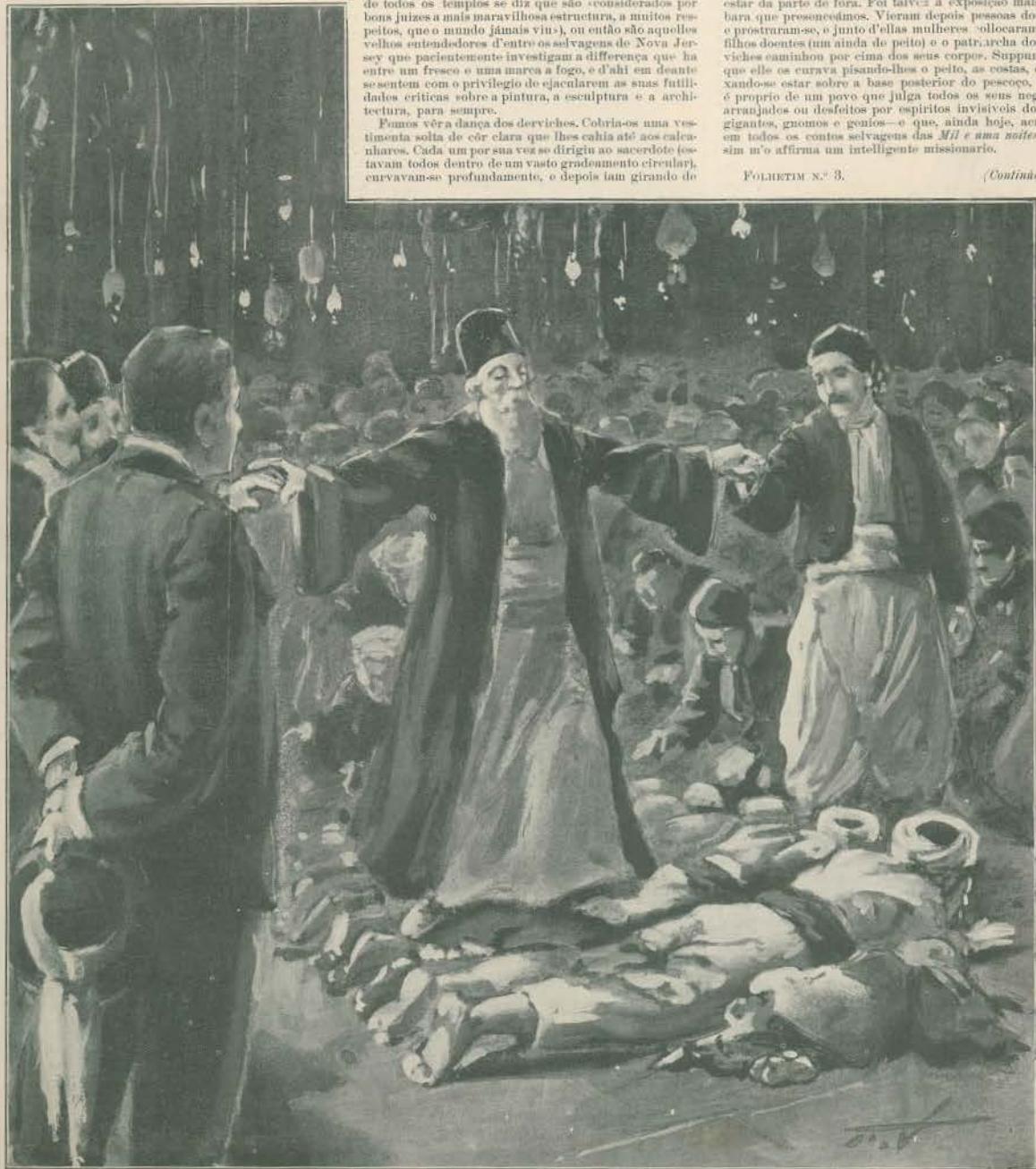
Santa Sophia é um templo colossal, que tem mil trezentos ou mil e quatrocentos annos, bastantemente feio para ser muito mais antigo. Diz-se que o seu zimborio immenso é maior que o de S. Pedro de Roma, mas a sua immundicie é muito maior que o seu zimborio, comquanto nunca se fale n'isso. O templo tem cento e setenta columnas, todas inteiriças, e de custosos marmores de diversas qualidades, sendo provenientes de antigos templos em Baalbek, Heliopolis, Athenas e Epheso, arruinados e repellentes. Contavam já mil annos quando esta egreja era nova, e o contraste devia ter sido bem triste de vêr — se os architectos de Justiniano não enfeitaram algumas d'ellas. O interior do zimborio desapparece sob uma monstruosa inscripção em caracteres turcos, feitos de mosaico dourado, muito brilhante; o pavimento e as balaustradas de marmore estão todos deteriorados e sujos; a perspectiva é interceptada por toda a parte por uma teia de cordas, penduradas da altura vertiginosa do zimborio, que suspendem innumeras lampadas escuras de azeite e ovos de abestruz, a seis ou sete pés acima do solo. Acocorados e assentados em grupos, aqui e ali, ao perto e ao longe, estavam turcos esfarrapados, lendo livros, ouvindo prédicas, ou recebendo lições, como crianças, e em cincoenta logares havia outros do mesmo jaez, curvando-se e endireitando-se, tornando a curvar-se e rojando-se para beijar a terra, tartamudeando entrementes orações, e fazendo sempre a sua gymnastica até ficarem cançados, se é que já não o estavam.

Por toda a parte immundicie, pó, escuridade, sombras; por toda a parte vestigios de remota antiguidade, mas sem nada tocante ou bello: por toda a parte esses grupos de phantasticos pagãos; por cima da nossa cabeça os deslumbrantes mosaicos e uma rêde de cordas de alampadas—em parte nenhuma qualquer cousa que nos captivasse ou despertasse a admiração.

As pessoas que caem em extase deante de Santa Sophia certamente que o foram buscar ao livro-guia (onde de todos os templos se diz que são «considerados por bons juizes a mais maravilhosa estructura, a muitos respeitos, que o mundo jámais viu»), ou então são aquelles velhos entendedores d'entre os selvagens de Nova Jersey que pacientemente investigam a differença que ha entre um fresco e uma marca a fogo, e d'ahi em deante se sentem com o privilegio de ejacularem as suas futilidades criticas sobre a pintura, a esculptura e a architectura, para sempre.

Fomos vêr a dança dos derviches. Cobria-os uma vestimenta solta de côr clara que lhes cahia até aos calcanhares. Cada um por sua vez se dirigiu ao sacerdote (estavam todos dentro de um vasto gradeamento circular), curvavam-se profundamente, e depois iam girando de roda, em delirio, e tomavam o logar que lhes era destinado no circulo, e continuavam a andar de roda. Apenas todos haviam n'esse giro occupado os seus logares, estando cêrca de cinco ou seis pés separados uns dos outros —e se achavam assim collocados, a roda completa de pagãos em movimento volteou em torno da teia por tres vezes separadas. N'isso levaram vinte e cinco minutos. Giravam sobre o pé esquerdo, e lá iam passando o pé direito com rapidez deante do outro e batendo com elle contra o pavimento encerado. Alguns tornavam inacreditavel o «tempo.» A maior parte d'elles deu quarenta voltas por minuto, e um artista sessenta e uma vezes, termo médio, por minuto, e manteve-o durante a totalidade dos vinte e cinco minutos. O seu vestido encheu-se de ar, de modo que parecia um balão.

Não faziam barulho nenhum, e a maior parte d'elles deixava cair a cabeça para traz e cerrava os olhos, arroubados n'uma especie de extase devoto. Durante algum tempo ouviu-se uma musica grosseira, mas os musicos não eram visiveis. Dentro da teia só tinham entrada os dançarinos. Um homem ou havia de andar de roda ou estar da parte de fóra. Foi talvez a exposição mais barbara que presenceámos. Vieram depois pessoas doentes, e prostraram-se, e junto d'ellas mulheres collocaram seus filhos doentes (um ainda de peito) e o patriarcha dos derviches caminhou por cima dos seus corpos. Suppunha-se que elle os curava pisando-lhes o peito, as costas, e deixando-se estar sobre a base posterior do pescoço, como é proprio de um povo que julga todos os seus negocios arranjados ou desfeitos por espiritos invisiveis do ar— gigantes, gnomos e genios—e que, ainda hoje, acredita em todos os contos selvagens das *Mil e uma noites*. Assim m'o affirma um intelligente missionario.

FOLHETIM N.º 3. *(Continúa.)*

CHRONICA ELEGANTE

A privilegiada temperatura d'este nosso encantador *verão de S. Martinho* tem talvez feito esquecer um pouco a proxima entrada do inverno, com todos os seus rigores e os tristes dias sem sol que em breve vamos ter; a natureza, sempre previdente, quiz, porém, que tivessemos *do mal o menos*, e os taes dias brumosos e sujos, tão pouco attrahentes, teem ao menos a vantagem de ser pequenos. Em compensação, as longas noites é que se apresentam cheias de attractivos. Os theatros abrem as suas portas, offerecendo espectaculos de toda a especie, exhibindo as mais suggestivas manifestações da arte, sob os seus multiplos e variados aspectos. Aos encantos da scena corresponde o seductor conjuncto da sala; nos camarotes ostenta-se o incomparavel luxo moderno, que se revela nos minimos detalhes.

FIGURA 3

Os penteados actuaes não obedecem, como outr'ora, a regras immutaveis; os perfis finos e classicos emmolduram-se nos *bandeaux* lisos ou ondeados com o *chignon* muito baixo; os gentis *minois*, de narizinho levemente levantado, á *Roxelane*, pedem uma aureola ou nimbo de cabellos bem levantados, deixando a descoberto a fronte e a nuca, sobre a qual volteiam alguns *frisons*. As flôres ornam admiravelmente os trajes de noite, sobretudo para baile: no theatro enfeita-se sómente o decote com um ramo ou haste e algumas nos cabellos, acompanhando a fórma do penteado. Já lá vae o tempo em que se escolhiam as flôres da côr do vestido. Agora as côres misturam-se na maneira mais artistica, fundindo-se com deliciosa harmonia, e uma nota muito moderna é a *superposição* de tecidos transparentes, de côr differente.

FIGURA 2

As capas de theatro e baile envolvem a figura toda como um manto principesco; feitas de sedas, damascos riquissimos, lavrados, bordadas e brocados recamados de ouro e prata, guarnecem-se de rendas, *passementeries* das mais luxuosas e variadas e forram-se de tecidos de seda adequados e geralmente de outro colorido. Estes *manteaux*, comtudo, não constituem propriamente um grande agazalho. N'este caso estão as sumptuosas capas de *fourrures*, de que já falámos n'outra chronica, e as de velludo ou pelucia acolchoadas em setim.

Voltam a usar-se muito os leques de plumas brancas com varetas de madreperola, marfim, tartaruga clara, ouro ou prata. Nas varetas desenham-se arabescos leves em brilhantes e outras pedras preciosas. Os *lorgnons* e binoculos seguem na mesma senda de requintado luxo e são ornados de pedrarias, como os leques.

FIG. 1. — *Manteau* em brocado branco tecido com ouro e flôres lavradas; guarnições de *passementerie* branca e ouro, forro de seda amarella.

FIG. 2.—Vestido de baile; fundo de seda azul, coberto de *mousseline* de sedo rosa pallido e recoberta de *tulle* branco. Guarnição de corpo, mangas e saia em cordão de *myosotis*.

FIG. 3.—Vestido de *mousseline* de seda amarello pallido, *incrusté* de *guipure* branca; corpo e *empiècement coulissé*, fitas de velludo preto, botões antigos de dimantes.

FIGURA 1

AS IRMÃS SUGGIA

GUARDA MUNICIPAL DE LISBOA — A DESFILADA DO REGIMENTO

O CAPITÃO DA GUARDA MUNICIPAL
AUGUSTO CEZAR DE BETTENCOURT
NOVO DIRECTOR DO LIMOEIRO

ESTADO MAIOR COM O SR. CORONEL MALAQUIAS DE LEMOS

O ACTOR COQUELIN (AINÉ) NO «CYRANO DE BERGERAC»
Peça que se vae representar no theatro D. Amelia

GUARDA MUNICIPAL DE LISBOA — GUARDA DE HONRA DA BANDEIRA